
INDEPENDÊNCIA E ADOLESCÊNCIA
Anotações sobre a Perversidade Social Contemporânea

Potlguara Mendes da SILVEIRA JR.

UFJF

UD

Dados coletados em entrevistas com adolescentes sobre sua concepção de *independência pessoal* são o ponto de partida para considerações sobre alguns efeitos da *perversidade social* e sobre a autonomia possível na contemporaneidade.

Vinte e cinco entrevistas¹ com alunos (13 rapazes e 12 moças) do primeiro ano de uma faculdade particular do Rio de Janeiro visavam a detectar os fatores mais determinantes, hoje, no processo de passagem da dependência para a autonomia² pessoal. Esta amostragem (não-probabilística e acidental) foi selecionada por ser representativa de uma situação padronizada de mudança de *status* psi-

¹ Os questionários e as entrevistas foram realizados e analisados, em setembro/novembro de 1997, pelas alunas Águida Regina B. Nozari, Angela Maria Teixeira de Mello, Maria Estela Alano Dutra, Mariza Pardo Legemann e Tatianna Gomes, como parte do Projeto de Pesquisa *A Concepção de Independência dos Adolescentes Ho* e entregue à Profa. Rosa Maranhão, na disciplina *Laboratório de Técnica de Pesquisa em Psicologia*, da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá / RJ, no segundo semestre de 1997. Eram entrevistas padronizadas, com 17 questões cada, visando obter dados descritivos tanto da condição econômica quanto das opiniões dos entrevistados sobre o tema em questão. Foram aplicadas individualmente, face a face, com duração aproximada de 15 minutos e registradas imediatamente após a fala em folha padronizada com respostas numeradas. A parte que nos coube foi elaborar as justificativas teóricas e as conclusões (o que contou com a participação crítica das colegas acima citadas, às quais agradecemos por tornarem possível o presente texto). Como o direcionamento teórico esteve sob nossa total responsabilidade, assumimos a autoria das conclusões (revistas e ampliadas) aqui apresentadas.

² Independência e autonomia são aqui usadas como sinônimos. Referem-se à posição pessoal de não dependência financeira de outrem e de responsabilidade sobre os afetos e sentimentos próprios.

cológico e social (de adolescente a universitário) e de uma condição econômica específica (classe média / ensino privado).

Realizadas as entrevistas, dois dados presentes na maioria das respostas pareceram exemplares. Para 92% dos entrevistados, independência significa (1) "independência financeira" e (2) "não ter que dar satisfação". Mesmo que a amostra seja pequena, bastante específica e se limite a jovens da chamada classe média, são dados preciosos para uma reflexão sobre certos componentes da *perversidade social* em vigor atualmente e sobre a autonomia pessoal possível em nossa contemporaneidade.

- 1 -

Define-se *adolescência* como o período compreendido entre 11/12 e 21/22 anos, marcado por transformações biopsicossociais e caracterizado por conflitos pessoais e sociais durante os quais os jovens sofrem transformações que lhes trazem dificuldades internas e externas que devem ser ultrapassadas para o atingimento da independência (índice de seu ingresso na vida adulta). A Associação Psiquiátrica Americana colocou os seguintes parâmetros para delimitar o término da adolescência³: (a) emancipação dos pais; (b) estabelecimento de uma identidade sexual; (c) aceitação do trabalho como parte integrante do cotidiano da vida; (d) construção de um sistema

³ Dados obtidos na disciplina Psicologia do Desenvolvimento - II, ministrada pela Prof.a Terezinha Anciães, da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá - RJ, no primeiro semestre de 1996.

pessoal de valores; (e) capacidade de relações duradouras e amor sexual terno e genital; e (f) regresso às figuras parentais numa nova relação. Alguns pontos problemáticos já se apresentam aí. Por exemplo: (1) Estes que seriam meros parâmetros não se transformam em *imposição* em nossa sociedade? Em caso afirmativo, que conseqüências acarretam? (2) Uma vez realizadas essas indicações, o resultado será *necessariamente* a constituição de um adulto pleno? (3) Enfim, não poderá ser considerado adulto aquele que, por exemplo, ache a "construção de um sistema pessoal de valores" *incompatível* com um modelo de vida em que seja obrigado a: estabelecer uma "Identidade sexual" predefinida como aceitável por todos; alocar sua força de trabalho ao que é oferecido pelo mercado; condicionar sua capacidade de manter relações duradouras a um amor terno que não se diferencia do genital (reprodução biológica); e retomar ao paradigma da família (figuras parentais) como único reproduzível e digno de ser seguido?

De modo nunca antes visto, o adolescente é atualmente tratado como um estrato consumidor dos mais visados, sendo alvo permanente e privilegiado das mensagens publicitárias veiculadas pela mídia. Mas, mais grave do que imposições do mercado é a incômoda impressão de que, no melhor dos casos, os jovens só querem "estudar", sustentar-se com conforto e permanecer eternamente jovens. Isto talvez seja decorrência do fato de os grandes projetos psíquicos e sociais que norteavam as ações humanas terem perdido a força de coerção que tinham anteriormente, o que resultou na evi-

dente falta de propostas de modelos gerais de vida com que nos deparamos hoje. Como, então, pensar um contexto social e psíquico capaz de abrir perspectivas para um campo de atuação realmente condizente com as exigências do mundo contemporâneo e com a especificidade da condição humana, em vez de continuarmos a insistir nas referências a parâmetros e preceitos obsoletos e comprovadamente ineficazes?

- 2 -

Umberto Eco definia assim o panorama cultural do final da década de 60:

Os jovens de todos os países afirmam, e com razão, a primazia do compromisso político, da ação direta, da reorganização radical de todas as relações, procurando estabelecer não novos modos de ver, representar ou estudar a vida, mas novos modos de vida, mais justos e mais livres. (ECO, 1971, p. 17-18 - trecho do prefácio à primeira edição brasileira de *Obras abertas*, escrito em agosto 1968)

Isto, para ele, se inseria bem na proposição de um "explícito projeto de educar o homem contemporâneo para a contestação das Ordens estabelecidas, em favor de uma maior plasticidade intelectual e de comportamento" (p. 18), e é nesse ambiente de idéias que circulavam e se concebiam as expectativas dos jovens daquele momento. Independência era uma verdadeira palavra de ordem, ligava-se estreitamente à construção de um novo modo de viver e, conseqüentemente, à não aceitação dos modelos em vigor, consi-

derados velharias sem utilidade para o que o futuro descortinava de possibilidades em todos os campos da vida política, afetiva, estudantil, econômica, etc.

Os entrevistados de hoje, por sua vez, ao enfatizarem o "financeiro" em sua concepção de independência, apresentam um evidente contraste com as expectativas dos jovens das décadas de 60-70. Naquela época, por exemplo, fazia sucesso no Brasil uma canção popular com o trecho: "Eu não preciso de muito dinheiro, graças a Deus / E não me importa..." (Gal Costa)⁴, o que nos leva a perguntar se a mudança revolucionária lá almejada não teria resultado numa reprodução mais arraigada do modelo que se pretendia destruir; ou, de acordo com o que se diz sobre os tempos atuais, se nossa contemporaneidade, por ter acelerado o que se entendia por história e reduzido a décadas processos que duravam séculos para serem ultrapassados, não estaria expressando com veemência inusitada a percepção de um relativismo generalizado que dá a impressão de ter tomado conta de tudo e tornado inútil qualquer aposta nas mudanças, não havendo, portanto, surpresa em que o refrão das canções populares de hoje esteja mais próximo de trechos como: "Te amo prá sempre / Te amo demais / Até daqui a pouco / Até nunca mais" (Kid Abelha)...

⁴ Caetano Veloso, em show no final da década de 70, aludindo a este refrão, observava: "Como era bom aquele tempo em que a gente precisava de pouco dinheiro". (citado de memória)

O "não ter que dar satisfação" coletado nas entrevistas poderia sugerir certa "revolta" quanto ao descabimento de muitas das pressões a que estão sujeitos os adolescentes (sobretudo, as mercadológicas), mas não só nesta como nas outras respostas não foi externalizada crítica alguma ao modelo "família provedora". Para eles, a situação em que se encontram de dependência dos pais parece ser normal, e - ajudados pelos confortos de que dispõem (80% com quarto próprio, som e TV) - não demonstram ter pressa em dar-lhe um término. Há como que um contínuo entre o modelo em que foram/estão sendo criados e o que pretendem realizar quando atingirem a tal "independência". Então, na verdade, o que estariam querendo dizer com "não ter que dar satisfação"?

- 3 -

O posicionamento não-crítico exposto acima pode ser o contrário do que aparenta. A crítica aí denegada é talvez mais radical do que a dos jovens dos anos 60, e as conseqüências dessa não-explicitação certamente serão mais graves do que se possa (ou se queira) imaginar. Seria leviano supor que, para tomarmos apenas um ponto, os efeitos da situação de violência cotidiana a que estão expostos não os afetasse em seus raciocínios e mesmo na postura adotada ao responderem a um questionário como o proposto pela presente pesquisa.

Ainda que não o exprimam diretamente, não estão alheios ao cenário mundial pós-guerra fria em que "o sinal mais visível do fim da ordem mundial bipolar são as cerca de quarenta guerras civis declaradas atualmente em curso em todo o mundo. (...) Tudo indica que no futuro esses conflitos tendem a multiplicar-se" (Enzensberger, p. 11). E mais, o que a antiga ordem mundial camuflava com seus investimentos ideológicos nas guerras nacionais é a correlação ainda não esclarecida - mas cujos efeitos são hoje cada vez mais evidentes para todos, sobretudo para os jovens - "entre o ódio ao próximo e o ódio ao desconhecido. O outro desprezado é originalmente o vizinho" (p. 10). Buscar entender esta correlação - ódio / desconhecido / vizinho - é essencial para destacar o que ocorre em fatos tão característicos da chamada modernidade como: os linchamentos concebidos por Freud na origem da sociedade, o "suicídio da sociedade" referido por Artaud, os "assassinatos culturais" mencionados por Glauber Rocha, etc. A perspectiva para um esclarecimento atual e preciso desses verdadeiros horrores sociais, cada vez mais exacerbados, nos tem sido apresentada desde os anos 80 pelo conceito de perversidade social (Magno), que, ao contrário da mera e rasteira oposição opressor/oprimido presente em noções ainda em voga do tipo "cultura do narcisismo" (que pode ser qualquer coisa, sendo portanto coisa alguma), considera a maioria como neurótica e presa à ilusão de poder encontrar saídas mediante o "aparelho perversista fornecido pelo maquinismo social de comunicação, de consumo" (Magno, 1990, p. 64). Todos estão implicados, são participantes e patrocinadores ativos e interessados na manutenção da situação opressora

em que estão. Se há oprimidos, são justamente aqueles que abdicaram de seu narcisismo e o alugaram ao fetiche da ordem perversista vigente, que, mesmo (ou principalmente) ao buscar estabelecer leis, só o faz no escamoteamento deliberado de que qualquer lei, pelo simples fato de enunciar-se como tal, é necessariamente perversa e toma-se perversista quando brandida como universal. Aliás, sempre interessou ao aparelho perversista reforçar a necessidade de se "cumprir a lei", sobretudo porque o aparelho legislador quase sempre está em seu poder. Neuróticos são aqueles que, com uma presteza surpreendentemente ausente quando diante de propostas de soluções mais eficazes socialmente, votam convictos na lei do perversista. Quebrar este ciclo selvagem de reforço mútuo é tarefa das mais importantes da atualidade.

Assim, seria no mínimo ingênuo imaginar que os jovens não soubessem que:

Há muito que a guerra civil penetrou nas metrópoles. Suas metástases pertencem ao cotidiano das grandes cidades, não só de Lima e Johannesburg, de Bombaim e Rio de Janeiro, mas de Paris e Berlim, Detroit e Birmingham, Milão e Hamburgo. Dela não participam apenas terroristas e agentes secretos, mafiosos e *skinheads*, traficantes de drogas e esquadrões da morte, neonazistas e seguranças, mas também cidadãos discretos que à noite se transformam em *hooligans*, incendiários, dementes violentos e *serial killers*. Como nas guerras africanas, esses seres *mutantes* são cada vez mais jovens [grifos nossos]. Enganamo-nos em acreditar que vivemos em paz só porque podemos ir à padaria sem que

sejamos atingidos pelos disparos de um franco-atirador. A guerra civil não vem de fora; não é um vírus adquirido, mas um processo endógeno. (Enzensberger, p. 15)

- 4 -

Diante das referências apresentadas acima, as concepções possíveis de independência pessoal se tomam bastante complexas, sobretudo se levarmos em conta o que *ocultam* as respostas às entrevistas. É, por exemplo, óbvio - caso contrário, teríamos que supor uma debilidade mental generalizada - que todos estejam percebendo muito bem que são interesseiramente tratados como integrantes de um importante segmento consumidor na maioria dos ambientes em que transitam. É, aliás, o que ocorre, por exemplo, na instituição de ensino em que acabaram de ingressar, onde, como em todos os estabelecimentos comerciais, pelo menos em tese, o "cliente" sempre terá razão. Não é muito diferente no ensino público, e, pensado em termos de uma formação de base para a vida a ser recebida por alguém, já é bastante indicativo do aparato de malversações que entrará em funcionamento no percurso dessa formação, com conseqüências que ainda não temos condições de avaliar, na medida em que há uma verdadeira ação conjunta no sentido de impossibilitar seu entendimento. Aparato este de malversações individuais e sociais cuja noção é muito clara e real para todos os envolvidos, principalmente os jovens, que são a fonte alimentadora do processo.

Alguns dos entrevistados responderam que independência é, na verdade, algo impossível, pois "sempre dependeremos dos outros", sobretudo afetivamente. Mas esta constatação, mesmo sendo fruto de angustiantes experiências pessoais, não deixa de encontrar alívio em outras respostas que consideraram normal a família financiá-los até conseguirem sustento próprio e formarem uma família (que, por sua vez, financiará seus filhos e assim por diante). Isto se depreende de que, à pergunta "como é sua relação com as pessoas que moram com você?", todos tenham respondido que se dão bem, tendo apenas atritos ocasionais. É como se o modelo afetivo a ser construído por eles já estivesse dado pelo conjunto pré-existente de suas relações familiares, com a diferença de que supõem que não terão que "dar satisfação", mesmo que não especifiquem a *quem*, tornando vago o que possam pensar das relações de autoridade que terão que construir ou contra as quais terão que lutar quando forem independentes "financeiramente". Justamente esse caráter vago é o mais assustador, pois, se não for adequadamente tratado, estará no início de violentos processos de fechamento e repressão que só mediante custo muito alto poderão ser dissolvidos.

- 5 -

Uma das hipóteses da pesquisa era a de que haveria uma situação indesejada de *acomodação* à situação de dependência econômica e afetiva ao modelo familiar em que se encontravam. A acomodação seria o maior empecilho para o atingimento da inde-

pendência pessoal, esta sim desejada. Após a aplicação das entrevistas, constatou-se que "ser independente" não tinha a premência suposta necessariamente presente nos horizontes de reflexão dos adolescentes. Isto indicia bastante a importância de abordagens mais adequadas, se o objetivo é ter acesso ao que está efetivamente acontecendo hoje e também propor projetos de construção de modos de vida consentâneos com as exigências da contemporaneidade.

Acreditamos que os dados levantados, embora poucos, nos permitem depreender que tanto os familiares quanto os próprios adolescentes apenas *aparentam* minimizar a necessidade de atingimento da autonomia pessoal. Parece não haver mais sentido em questionar valores, sendo mais importante preservar do que almejar destruir o "patrimônio" político, afetivo e econômico já conseguido pelas gerações anteriores. Por outro lado, podemos supor que, em algum nível, estejam todos, pais e filhos, cientes de que a *autonomia* a ser exigida no panorama que vigorará no próximo século extrapola em muito os objetivos pessoais e sociais que ainda hoje a maioria das instituições insiste em oferecer como desejáveis - investimentos maciços em "trabalho", "amor", "ética", etc. - e que já se demonstraram sem eficácia alguma no mundo atual. Isto pode ser constatado tanto pelo quanto a presença cada vez maior e cotidiana das novas tecnologias vem afetando radicalmente nossos modos de percepção do mundo, como pelo crescente vigor de uma violência implícita ou explícita nas formas atuais de vinculação social. Enfim, ado-

lescentes e adultos percebem, de forma inédita em épocas anteriores, que estão num mesmo barco que flutua - e dão graças a Deus porque ainda flutua - à deriva num mar de ações cuja falta absoluta de fundamentos está escancarada para todos os habitantes do planeta. Talvez seja esta a verdadeira situação de "síndrome do pânico" de que tanto se fala na mídia. Para além de seu evidente aproveitamento pela indústria farmacêutica (sempre prestimosa em oferecer medicamentos maravilhosos para doenças que ela própria cria), é a indicação de um temor reativo diante do que muitas das revoluções realizadas neste século já nos mostraram como caminho irreversível (a globalização *efetiva*, por exemplo). É a recorrência aos velhos e já conhecidos dispositivos que sempre ressurgem com grande força em momentos de passagem, como é o caso da situação contemporânea (fundamentalismos, jesusismos, regionalismos, nova era, esoterismos, etc .)⁵

Para finalizar estas anotações, fica em aberto a questão: os investimentos psíquicos e sociais contemporâneos se dirigirão à aceleração da queda dos fundamentos anteriores - que, a rigor, nunca existiram (mas não deixaram de funcionar como força coercitiva e controladora até as últimas décadas) -, ou ao retrocesso, a uma situação piedosa e obscurantista que não difere muito do que já ocorria no final do século passado (com as conseqüências desastrosas que

⁵ Observações destas últimas frases retiradas das Oficinas (UniverCidade de Deus - RJ) e do Seminário de 1997, Comunicação e Cultura na Era Global (Fórum de Ciência e Cultura - UFRJ), de MD Magno.

conhecemos bem)⁶. Ou seja, seremos tão dependentes do passado a ponto de não reconhecermos o que efetivamente ele mesmo já realizou como independência em relação aos erros pregressos?

Abril 1998

Referências Bibliográficas:

- ECO, Umberto. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Guerra Civil*. (1990-1993). São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- GAL COSTA. Vapor Barato (de Macalé e Wali). -FA-TAL-. Rio de Janeiro: Phonogram, 1971. Disco long-play.
- KID ABELHA. Te Amo prá Sempre (de George Israel e Paula Toller). *Meu Mundo Gira em Torno de Você*. Rio de Janeiro: Wea, 1996. Compact disc.
- MAGNO, MD. *De Mysterio Magno* (Seminário 1988). Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990.
- _____. *Est# Ética da Psicanálise* (Seminário 1989.). Rio de Janeiro: Imago, 1993.

⁶ Abordar as questões da aceleração ou do retrocesso diante do que a contemporaneidade nos apresenta como passos já dados (mas nem por isso assumidos) no sentido da eliminação das fronteiras entre os campos de conhecimento anteriormente tidos como distinguíveis (ciência / arte / filosofia) e da assunção afirmativa da derrocada dos fundamentos que garantiam nossos edifícios social e psíquico (crise das idéias) é um dos objetivos do projeto de pesquisa *Psicanálise, Comunicação e Cultura: Aspectos Emergenciais da Contemporaneidade*, sob nossa coordenação

____. *Arte & Fato* (Seminário 1990). Rio de Janeiro: UniverCidade de Deus, 1996.

____. *A Natureza do Vínculo* (Seminário 1994). Rio de Janeiro: UniverCidade de Deus, 1996.

____. *Comunicação e Cultura na Era Global* (Seminário 1997). Inédito.

NEXI, Anita. *Psicologia do Envelhecimento*. São Paulo: Papyrus, 1995.